

DIZER DO CORPO-ERÓTICO FEMININO: RESISTÊNCIA

SAYING ABOUT THE FEMALE EROTIC BODY: RESISTANCE

Matteus Melo¹

RESUMO

Uma vez compreendido que todo corpo é político, os estudos culturais e feministas corroboram a ideia de que todos os corpos devem assumir lugares de equivalência criativa para afirmação de uma voz poética, registro das subjetividades e refinamento intelectual. E refletir a respeito do que pode o corpo-erótico feminino é reafirmá-lo no direito de ocupar os mesmos espaços do corpo masculino. Também os discursos entorno da ideia do que é *ser mulher* ganharam novos contornos e reconfiguraram um corpo que, ao desafiar o *statu quo*, constrói e valida lugares de fala, como, por exemplo, na literatura de ficção e na produção crítica da literatura produzida por mulheres. Nessa perspectiva, o que pretende este exercício ensaístico é reafirmar o lugar da escrita feminina como a voz de um corpo que assume o dizer de sua pulsão poético-erótica.

Palavras-chave: corpo, literatura, feminismo, erótico.

ABSTRACT

Once it is understood that every body is political, cultural and feminist studies corroborate the idea that all bodies must assume places of creative equivalence to affirm a poetic voice, register subjectivities and intellectual refinement. And reflecting on the freedom of the female body-erotic is to reaffirm its right to occupy the same spaces as the male body. The discourses around the idea of what it means to be a woman also gained new contours and reconfigured a body that, by challenging the status quo, constructs and validates places of speech, as, for example, in fiction literature and in the production of literary criticism produced by women. From this perspective, what this essayistic exercise aims to do is reaffirm the place of female writing as the voice of a body that assumes the expression of its poetic-erotic drive.

Keywords: body, literature, feminism, erotic.

¹ Doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal (U.PORTO). Mestre em Artes, na área de Artes Cênicas, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, Brasil (UNICAMP). Atuou como professor interino em disciplinas de Literatura, e na disciplina de Estágio Supervisionado em Literatura, na Universidade do Estado do Mato Grosso, Brasil (UNEMAT). E-mail: melodramattus@gmail.com

*“Digo do corpo
o uso
dos meus dias
a alegria do corpo
sem disfarce.”*

Maria Teresa Horta

Por um longo período não se questionou os modos de se pensar o corpo da mulher como objeto de propriedade da autoridade e do desejo masculino, e esta mesma ideia e apropriação do corpo feminino, condicionado às convenções sociais esmagadoramente repressoras, serviu de modelo para as muitas literaturas e poéticas que constituíram-se como um referencial simbólico e reforçaram a permanência de uma tradição literária ocidental formada, exclusivamente, a partir das percepções do homem sobre o mundo e de suas relações sociais e de poder, contribuindo para que a criação do real no campo da ficção assumisse um ponto de vista patriarcal imperante.

É importante ressaltar que as obras da tradição literária instituíram e reproduziram discursos moral-patriarcais que, quase sempre tendenciosos, findaram por configurar o corpo da mulher a partir de três aspectos específicos, sendo: i) para satisfação do desejo masculino; ii) como um corpo que, por ser “impuro”, necessita alcançar a redenção por meio do próprio apagamento – castiga-se o corpo, ou mata-o; iii) como um corpo que ao romper com os acordos dos discursos de masculinidade é posto à margem na vida pública.

Mas a crescente diversificação de pesquisas nos estudos literários e culturais tem ascendido e reforçado diversas camadas discursivas de cunho feminista, e de gênero, que muito contribuem para que vozes femininas sejam afirmadas nos espaços de criação e crítica literária. E neste cenário, marca-se a presença de mulheres escritoras, poetisas, críticas-pesquisadoras que, ao assumir o uso e o modo de dizer de seus corpos, promovem e reconstróem novos sentidos para o que até então se configurara como um campo do saber cujo repertório literário e crítico era construído por homens.

Das mulheres que, ao dizer do feminino na escrita poético-erótica, reescreveram lugares de intimidade para os afetos e sexualidade de um corpo de mulher repetidamente marcado por um discurso regulador, à exemplo de escritoras de Portugal

e Brasil, obras como, *Fluxo-Floema*, de Hilda Hilst (1970), *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa (1972), *Os Sítios Sitiados*, de Luiza neto Jorge (1973), *Educação Sentimental*, de Maria Teresa Horta (1976), *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1977), *Cenas de Abril*, de Ana Cristina Cesar (1979), *Terra de Santa Cruz*, de Adélia Prado (1981), e *Magma*, de Olga Savary (1982), emergem, mesmo em tempos de repressão política, como precursoras na luta pelo direito em dizer do erótico-feminino² – ou do feminino, puramente.

Por ora, e sem pretensões de cuidar do *dizer* dessas tantas poetisas, este brevíssimo ensaio se inscreve no campo das discursividades feministas, e de modo bastante introdutório se propõe a pensar o poético-erótico na escrita feminina como uma escrita política de representatividade do direito de dizer de si: quando a intimidade do feminino excede a figuração de um corpo.

Por um corpo-político feminino

Vou partir de dois termos indispensáveis para abertura deste tópico: i) patriarcado: a estrutura de uma ordem social representada, unicamente, por homens; e, ii) machismo: um modo de pensar e de ser que privilegia um modelo ideal de homem, e que garante a permanência do autoritarismo e do poder a si mesmos. De modo bastante resumido, e muito simplista, o patriarcado e o machismo regem os acordos sociais para privilégio de alguns e exclusão de outros, seja por meio da falsa ideia de meritocracia, ou por um conjunto de padrões que determinam o uso e os prazeres do corpo, e quais os grupos e discursos podem ou não ser aceitos socialmente. Trata-se de um mecanismo ideológico que, incansavelmente, investe no adestramento do corpo e do pensamento para oprimir vozes de “minorias políticas”, como bem afirma Marcia Tiburi (2020), dentre elas, as vozes de mulheres.

Ora, ao entender que, se a História se organiza por uma perspectiva do masculino, e que, se por séculos mulheres tiveram suas vozes silenciadas e apagadas por discursos produzidos por homens que detinham o poder e concebiam as leis, inclusive as leis sob as quais a mulher deveria se sujeitar, não podendo ocupar os espaços de poder político, cultural e intelectual, pensar o campo da produção poética, bem como de

² Ver o artigo, *O erotismo como embate: o corpo na (da) poesia feita por mulheres*, de Bruna Renata Bernardo Escalera e Emerson da Cruz Inácio. Em: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 35 (jun. 2018) – 1-114. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa>

outras artes e gêneros literários, é também enveredar por uma ordem estruturante de discursividades que não apenas privilegia, mas que institui a hegemonia dos lugares de fala para manter os interesses de uma ideologia masculina dominante.

No percurso das ditas escolas literárias, por exemplo, a construção da ideia de *ser-mulher* se engendrou por uma estrutura discursiva – patriarcal e machista – onde se fazia crer que a voz poético-literária masculina exercia um certo tipo de autoridade e que, por isso, se instituiu como detentora de direitos e verdades, assumindo para si um lugar de poder e controle sobre o outro – a mulher.

Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os dons do saber e das leis, inclusive sobre as mulheres. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Dá filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie. (Tiburi, 2020, p.48)

Isto também significa dizer que toda a percepção do *ser-mulher* fora concebida do ponto de vista do homem, ou seja, é a voz masculina que não apenas diz sobre a mulher, mas que determina os limites de seu corpo, seja no adestramento de aspectos exteriores – gestualdades e conduta; seja na tentativa de controle de aspectos interiores – sentimentos e demonstração de afetos. Até mesmo quando a literatura propunha um *ser-mulher* capaz de contrapor modelos reguladores de comportamento, como para não conformar padrões, ou para rasurar os mecanismos de poder do patriarcado, continuava a ser o homem quem apontava os limites dessa ruptura, protesto e subversão. Em outras palavras, o homem era quem, desde sempre, ocupava os altos espaços de criação literária e de crítica sobre a literatura que se produzia.

E bastaria, *a priori*, reforçar a afirmativa de María Xosé Queizán (2000), quando argumenta que a imagem da mulher é uma construção feita por escritores e pensadores, sendo estes quem elaboraram as heroínas e marcaram os comportamentos femininos: quase como se fosse um espelho onde as mulheres deveriam se olhar para imitar a imagem construída. Em suas palavras, “a literatura, como a arte, o cine ou a moda, contribuiu a crear a idea de muller, o que *debe ser unha muller* e como debe sentir” (Queizán, 2000, p.103).³ Logo, a construção do que é *ser-mulher*, ser feminina, nada mais é que uma elaboração do pensamento e dominação masculina.

³ Texto do original galego.

As constantes práticas de discursos hegemônicos findaram por constituir modos de se perpetuar a condição de *ser-mulher*, ou mesmo a ideia do que se deve compreender como o *feminino* – para docilizar e marcar corpos. Todavia, “feminino é o termo usado para salvaguardar a negatividade que se deseja atribuir às mulheres no sistema patriarcal” (Tiburi, 2020, p.50). Por toda a História, da literatura às artes de modo geral, há rastros de uma discursividade marchista e, por vzes, misógina, que intenta apagar, em diferentes níveis e medidas, a criação literária e o material crítico produzido por mulheres.

No bojo dos estudos literários e culturais, sobre os diferentes modos de resistência à opressão sócio-política e econômica em relação à *liberdade das mulheres*, e a igualdade de gênero, está o corpo da mulher que, como voz de um corpo que é seu, e que por um direito seu de existir deve autoafirmar-se como categoria política, conforme aponta Tiburi (2020). Ou seja, precisa assumir a escrita de si para falar de seu próprio corpo sem se sujeitar aos parâmetros de expressão marcadamente masculino.

Ora, dizer dos direitos da mulher sobre seu corpo, e de seu direito em falar desse corpo, é evocar a ideia feminista de resistência contra todo tipo de voz dominante e opressora, já que a força expressiva do movimento feminista, ao longo de décadas de luta, é quem reivindica novos lugares para se pensar as práticas culturais, e para desconstruir os mecanismos de controle e de opressão impostos pelo patriarcado. É dessa perspectiva que os lugares de fala – um direito do corpo feminino de existir politicamente – passam a ser reivindicados e marcados por vozes de mulheres. E o que tem ocorrido nas últimas décadas é que um número considerável de mulheres, de tons e subjetividades diversas, apropriaram-se de seu lugar de fala no campo da literatura de ficção e da crítica literária.

A apropriação, pelas mulheres, desse lugar de fala no campo literário e crítico, além do reconhecimento e do prestígio da literatura de autoria feminina como uma escrita de resistência e de luta, trouxe à luz uma diversidade de temas que não dizem, apenas, dos interesses das mulheres como minoria política, mas que, também, findou por alcançar os interesses de outros grupos, à exemplo das discussões sobre sexualidade e teoria queer. Afinal, “quando lutamos por um lugar de fala lutamos pelo lugar de todos” (TIBURI, 2020, p.55). Pensar sobre sexualidade, por exemplo, é exercer um ato

de contramarcacão política e de enfrentamento ao patriarcado que, historicamente, faz uso de autoritarismos para oprimir, condenar e apagar corpos dissidentes.

É sempre bom lembrar que com o advento do feminismo a mulher passou a buscar, cada vez mais, seu espaço e a reivindicar direitos, e que é desse lugar de resistência que se fortalecem as lutas contra toda forma de opressão e violência, como também se dá a construção de símbolos culturais e a desconstrução de padrões que definem o *ser-mulher* – o modo de como o corpo feminino deve, ou não, ser aceito e referenciado. Agora são as mulheres quem dizem e assumem a autoridade sobre seus corpos. E isto ainda significa dizer que no território da sexualidade e do erotismo, lugar primeiro do pensamento e das discursividades sob a moral e o olhar repressor masculino, o corpo da mulher apropria-se de si ao assumir voz própria, ressignifica-se, e diz à sua maneira sobre sua coporeidade, desejos e afetos.

Em tempos em que a mulher rompe “o silêncio sobre o próprio corpo” (Xavier, 2007, p.155), e se torna senhora de seu discurso afetivo e erótico, o que se almeja de futuras pesquisas e reaprendizado, ou mesmo para que os estudos literários e culturais apontem outros e novos rumos, é, prioritariamente, investigar o território do feminino a partir da escrita dessas mulheres, e da crítica que fazem de suas produções, a fim de compreender os entremeios de suas vozes e os sentidos que delas ecoam na autoridade de seus corpos. E isto implica dizer da autoafirmação do corpo-erótico feminino na ficção literária. Já se foram os tempos em que a mulher só se fazia perceber no campo do poético-erótico segundo as formas discursivas político-poéticas masculinas.

Por um corpo-erótico feminino

Vou partir de um termo muito em voga nos discursos da atualidade para abertura deste tópico: *resistência*: trata-se da ação ou efeito de resistir, não se deixar abater, enfrentamento a toda forma de violência e autoritarismo, estado de um corpo que reage a ação de outro corpo – circunstância, atitude ou ideia. Logo, dizer de um corpo feminino como autor de seu próprio discurso no campo da ficção literária, no decorrer do percurso da História da literatura, figura-se como um lugar determinante de resistência. E se por um lado, o enfrentamento da dominação masculina no campo ficcional tem sido um desafio custoso às vozes femininas que resistem, mas não sem

efeito, por outro lado, a condição é ainda mais desafiadora no que concerne ao poético-erótico.

Ao dizer da impossibilidade de todos os atos de fala produzirem gêneros literários, Tzvetan Todorov (1980) aponta que “uma sociedade escolhe e codifica os atos que correspondem com maior proximidade à sua ideologia” (p.50). Numa sociedade onde a construção e afirmação de discursos legitimam uma ideologia dominante masculina, os atos simbólicos – discurso ou figura – passam a ser representações desta mesma ideologia, e quaisquer atos, sociopolítico ou afetivo, que se oponham e reivindique direitos passam a ser vistos com um tipo de ameaça que deve ser combatida pelo sistema – e os meios e mecanismos são vários. É, pois, na dialética entre corpo e feminismo que se constroem e se fortalecem os atos de fala e de resistência – uma vez que todo corpo é em si mesmo um ato político; uma vez que o feminismo é o *modus operandi* de legitimar os direitos de um corpo, em *Ser*.

Pois bem, aos olhos da crítica conservadora, esses atos de fala de mulheres que assumem uma escrita poético-erótica findam esbarrando em lugares comuns de opressão, conforme aponta Emerson Inácio (2016) a respeito de *Fluxo-Floema*⁴, e de *Novas Cartas Portuguesas*⁵, dando a entender que tais feitura poéticas correspondiam a um tipo de escrita que se circunscrevia no campo do “obsceno” e do “pornográfico”, e por isso, inferior, “[...] já que não cabia à (nenhuma) poeta/prosadora expor o corpo, o prazer e a sexualidade de maneira tão clara em seu trabalho artístico” (p.16). Afirmativa que dispensa comentário quanto ao nível explícito de violência.

Se de um lado o desejo pelo corpo do outro implicaria em práticas que visariam a liberdade do corpo, por outro, estes mesmos sujeitos teriam constantemente seus corpos confrontados por discursos morais, sociais, históricos e políticos, bem manifestos. Sem contar, claro, com os discursos atinentes ao próprio edifício literário, no qual, os demais incidem e colaboram para a constituição de um campo de poder específico. (Inácio, 2016, p.11)

Agora, se o corpo se constitui como objeto de alvo e poder (Foucault, 1987), e se ainda por um longo período “[...] coube ao homem a tangência da fala erótica em Literatura” (Inácio, 2016, p.15), o traço erótico na poesia e em narrativas de ficção de

⁴ De Hilda Hilst.

⁵ De Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa.

autoria feminina, ressoa não apenas como *o direito ao grito*⁶ – em lusão a Clarice Lispector – de um corpo que é parte estruturante nas relações político-afetivas, mas também como um desestabilizador discursivo das tais Instituições de poder – Estado, Igreja, Família, Escola – que a todo custo intenta descreditar e subjugar a mulher.

A palavra erótico – do grego, *eros* – assume a personificação de amor em todos seus aspectos e sentidos múltiplos, justamente por se tratar de uma força definidora de prazer dos mais variados e intimamente humano. Para Audre Lorde (2013, p.1), dito de um ponto de vista feminino, “o erótico é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizados no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos.” Para Lorde (2013), apropriar-se do erótico para compor uma poética de escrita feminina seria como retirar a mulher do campo simbólico da inferioridade para o empoderamento de expressar-se para além dos modelos masculinos de escrita erótica.

Dessa perspectiva, se pode dizer que o erótico se institui como objeto transgressor no discurso feminista, tanto na forma de resistência à imposição de padrões normativos que instituem modelos de conduta, quanto, no campo do poético-literário, por rescindir velhas perspectivas coisificadoras do corpo feminino, e pela afirmação do feminino como sujeito que diz de sua escrita erótica por meio de uma linguagem própria. Logo, dizer de um corpo-erótico feminino é romper com a figuração de um corpo construído a partir do olhar regulador da masculinidade.

É a partir do discurso do corpo feminino, na voz de mulheres/feministas, que se constroem novas formas de atos de fala transgressor, ou seja, rasura-se a ideia de virtude e de pecado como estruturas predominantes construídas pelas políticas masculinas sobre a condição do *ser-mulher*, e engendram-se outros olhares sobre a forma de poetizar seus corpos. “Por isto compre distinguir entre literatura escrita por mulleres, que pode continuar a ideoloxía patriarcal cando nos textos confirman que o que lles gusta ás mulleres é o que interesa aos homes, e a literatura feminista” (Queizán, 2000, p.104).

Dito a grosso modo, a literatura feminista se manifesta no pleno exercício de uma consciência crítica, quando a mulher, ao apropriar-se da palavra, neste caso em específico para uso poético em prosa ou verso, assume a autoridade de *Ser* um corpo de resistência contra uma ideologia dominante: voz de resistência à toda forma de opressão

⁶ Um dos possíveis títulos de *A Hora da Estrela*.

e violência. Dizer do corpo-erótico feminino é transgredir a um tipo de hegemonia poética, também é romper com o ideal de um corpo puro, submisso, adestrado ao controle das ideias e coibido em sua pulsão afetiva – um corpo coisificado feito propriedade. E tratar dessas questões na poesia de María Xosé Queizán (2024, p.21) seria dizer:

Poeta!, mírame!
– se um día a amada erguera a rebeldía.
Mírame! Os meus peitos nos son analoxías.
Non son a túa máscara
non son isolda
non son a túa creación.
Desprendidas do colo as doas do adobío
rolara polo chan a metáfora da metáfora.
Esnaquizado o amor
por sublime.
Mírame
rompe ese espello
a miraxe onde me miras. Ven!
Pégate ao meu corpo quente e real.
Fai do amor unha profanación.

Para além de ocupar um lugar próprio da expressividade feminina, o poema figura uma espécie de diálogo entre o sujeito-lírico e um certo sujeito poeta que, mesmo referido no singular, é posto como uma representação de poetas de traço conservador, e que ao reforçar o imperativo, “Mírame”, chama-lhe a atenção para esse corpo de mulher que não mais se pretende “objeto” de um desejo ao dispor do outro – feito uma máquina cuja engrenagem é programada para determinado uso. O sujeito-lírico atribui corporalidade a uma voz que impõe/exige o reparo das acepções sobre os modos de perceber o feminino, e nos versos atravessados pela negativa: “Non son a túa máscara, non son isolda, non son a túa creación”, faz ecoar um grito libertário e de resistência.

Depois de desmistificar a ideia poética do amor, nas palavras de Queizán (2000, p.104-105), depois “da morte, do gusto pola aniquilación e o anonadamento, da amada como obxecto amoroso e poético secular que enobrece o suxeito poético masculino, chégase, necesariamente, á rebeldía da amada”, convocando à profanação de um ideal de amor construído como simulacro daquilo que, de fato, não só é possível de ser alcançado como se torna matéria do real.

E arrisco supor que a este ato de profanação poderia atrelar-se a ideia de subversão pelo modo de como este corpo-erótico feminino emerge em seu discurso

poético. É como se fosse imprescindível desterritorializar – em alusão a Gilles Deleuze e Félix Guatarri – do campo da poesia, a presença de vestígios de um modelo erótico masculino, a fim de que o corpo-erótico feminino encontre meios para reconstruir e reconduzir os discursos libertários dos afetos, desse corpo, a partir de um outras perspectivas. Isto significa dizer, ainda, da necessidade de criar tessituras que potencializem a linguagem feminina no campo erótico, a fim de desconstruir os lugares de controle sobre seu corpo. “Profanar” o amor, no poema, acima, é desatar as amarras discursivas de controle dos dizeres do feminino, por mulheres, em quais sejam os lugares de manifestação e uso de seus corpos. Trata-se de recuperar o corpo no sentido de tirá-lo do discurso alheio, torná-lo sujeito de si mesmo, em concordância com Inácio (2016).

Dizer o corpo e valer-se do próprio corpo como origem de uma linguagem já é tirá-lo de um ordenamento discursivo que o silencia; e quando se trata de mulheres representando e performativizando o corpo, trata-se de operar duas cisões: a dos discursos institucionalizados que delimitam o que pode e o que deve ser dito sobre o corpo da mulher e cindir com a falsa premissa de que a mulher possa até enunciar-se e ao seu corpo, desde que isto atenda às normas sociais e as falas previstas sobre seu corpo: maternidade, beleza, sentimentos, nunca nada relacionado ao prazer, ao desejo erótico, ao corpo como pulsão de vida. (Inácio, 2016, p.144)

A subversão da ordem discursiva no campo do poético-erótico feminino provoca rupturas nos moldes de representação do *ser*-mulher na literatura e, por conseguinte, no imaginário masculino onde ainda se mantém a ideia de haver limites e condições para o corpo feminino, sobretudo, pelo não uso do livre exercício do pensamento a respeito de si e de seus afetos, e sexualidade. A transgressão do corpo feminino constrói atos de fala de resistência aos padrões de um sistema dominante. Um aspecto transgressor na ordem desses padrões é posto pelo sujeito lírico em *As Putas*, de Lupe Gómez Arto, poema que integra a coletânea da obra *Pornografia* (2012).

Gústanme
que me confundan
con elas
porque quero ser solidaria
como os concertos
de música alta.
(Arto, 2012, p.75)

Ao expressar-se, o sujeito-lírico diz de um desejo que não só aproxima seu corpo ao da prostituta, como também sugere que seja confundido com este – a exemplo do que anteriormente foi dito sobre subversão da ordem, ou seja, um ato de fala que subverte o corpo feminino ao compará-lo àquilo que é posto como um desvio, moral e religioso, de um padrão normativo: um corpo pecaminoso, vulgar, marginal. Ao exprimir o desejo de ser confundida “con elas”, o sujeito-lírico também distingue um corpo do outro quando diz, implicitamente, dos lugares simbólicos que estes corpos ocupam. Vejamos: o modo de ser do corpo da prostituta, apresentado como objeto de desejo de imitação do sujeito-lírico, figura-se como um corpo transgressor – um desvio da ordem; por sua vez, o sujeito-lírico se apresenta como um corpo subversivo, porque, ao fazê-lo, tanto denuncia o lugar de onde contrói o dizer de seu desejo – do lugar da normatividade –, quanto reafirma as novas territorialidades das práticas de enunciação que faz cair os limites e as condições regulatórias sobre os modos *do dizer da mulher*, e que constrói atos de resistência ao olhar opressor das discursividades que intenta apaga/negar a disposição do corpo feminino ao desejo erótico, como regular o que pode ou não ser dito, visto, desejado e assumido.

Portanto, os atos de representação do corpo feminino feito por mulheres, e de uma perspectiva feminista, diz de um corpo que se autoafirma como transgressor das políticas de masculinidade que, ao longo da História da literatura, apagou as vozes de mulheres ao negar-lhes o direito de representar seus corpos com autonomia. Agora são elas quem se apropriam do discurso literário como forma de subverter às práticas regulatórias sobre o uso e a sexualidade de seus corpos, seja pela tomada de consciência de um corpo que não mais se pretende adestrado ao apagamento de sua singularidade, seja por exceder as demarcações crítico-conceituais masculinas que deram forma às políticas de um corpo que não lhes pertence.

Pois que a mulher diga de seu corpo – em alusão ao verso de Maria Teresa Horta⁷ – para uso das paixões e liberdade do pensamento, para orquestrar seus dias na alegria de um corpo que pulsa sem disfarce, para ser o que diz, para dizer um corpo feminino como voz de si mesmo, autor de sua identidade e compositor de sua poética, um corpo dono de seus desejos e das formas de se fazer estar no mundo. E se o verso está para o poema, assim como o corpo está para o desejo, dizer de um corpo-erótico

⁷ Ver a epígrafe deste ensaio.

feminino é fazer manifestar-se novas territorialidades onde se organizam estruturas vivas de um corpo que é *resistência* na pele e na voz que o institui, fazer-se outro, um corpo descoberto.

REFERÊNCIAS

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ARTO, Lupe Gómez. *Pornografía*. Santiago de Compostela: Positivas, 2012.
- BATAILLE, George. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir – História da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.
- HEMMINGS, Clare. Contando Estórias Feministas. In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, 17(1): 215-241, janeiro-abril/2009. p. 215-241.
- HOOKS, bell. *Teoria Feminista – da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. *Do corpo o canto, perfumada presença: o corpo, Fluxo Floema e Novas Cartas Portuguesas*. Tese de Livre-docência. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas FFCLH/USP, 2016.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LORDE, Audre. *Usos do erótico: o erótico como poder*. Traduzidas: Tradução feminista clandestina. <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/11> (01/05/15 às 14h01).
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- QUEIZÁN, María Xosé. *Escribir en femenino – Poéticas y Políticas*. España: Icaria Editorial, 2000.
- QUEIZÁN, María Xosé. Espiral Maior. In. *Metáfora da metáfora*. Galiza: Edicións Xerais, 2024.

RAMALHO, Maria Irene. Os estudos sobre as mulheres e o saber: donde se conclui que o poético é feminista. *EX AEQUO*, n. 5, 2001, pp.107-122.

SOARES, Angélica. *A Paixão Emancipatória: vozes da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

SOUZA, Sandra Maria Nascimento. *Mulheres em movimento: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações nas relações de gênero dos anos 1970 a 1980*. São Luís: EDUFMA, 2007.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum – para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

XAVIER, Elódia. *Que Corpo é Esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Recebido em: 26/01/2025

Aceito em: 19/04/2025